



MEMÓRIA

A VOZ E A VEZ DA REDAÇÃO: RELATOS ACERCA DA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DO TELEJORNALISTA BRASILEIRO – PARTE 6 – VANESSA KALIL

Valquíria Aparecida Passos Kneipp¹

RESUMO: a jornalista Vanessa Kalil começou no jornalismo em 1982 no primeiro e único telejornal para criança da televisão brasileira – Globinho, trabalhando na equipe de São Paulo, como editora e apresentadora ao lado de Carlos Henrique Correa. Também foi diretora do programa Escola Viva, e editora-chefe do programa Matéria Prima, ambos na TV Cultura. Foi editora-chefe do Jornal da Noite, Jornal Bandeirantes e Acontece, na Rede Bandeirantes. No SBT foi diretora de redação. Na tevê Globo foi editora e editora executiva do Bom Dia São Paulo, São Paulo Já e do SPTV. Também teve uma passagem pela Rede TV. Era filha do primeiro âncora da televisão brasileira Kalil Filho (Repórter Esso). No dia 14 de dezembro de 2006, ela concedeu entrevista, durante um intervalo de trabalho, nas dependências da TV Bandeirantes, em São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: *Televisão. Vanessa Kalil. Telejornalismo.*

RESUMO: Journalist Vanessa Kalil began in journalism in 1982 in the first and only television news for children of Brazilian television - Globinho, she was working in the São Paulo team, as editor and presenter alongside Carlos Henrique Correa. She was also the director of the Viva School program and the editor-in-chief of the Matéria Prima program, both on Cultura TV. Was editor-in-chief of Jornal da Noite, Jornal Bandeirantes and Acontece, in Bandeirantes Systems. At SBT was writing director. In Globo TV she was editor and executive editor of Bom Dia São Paulo, São Paulo Já and SPTV. Also she has already spent through Rede TV. She was the daughter of the first anchor of the Brazilian television Kalil Filho (Reporter Esso). On december 14, 2006, she granted an interview, during and interval of work, in the premises of Bandeirantes TV, in São Paulo.

KEYWORDS: *Television. Vanessa Kalil. Telejournalism.*

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: valquiriakneipp@yahoo.com.br

Introdução

Durante a pesquisa de doutorado realizada de 2005 a 2008, na Escola de Comunicações e Artes da USP, sobre a “trajetória de formação do telejornalista brasileiro” foram entrevistados 37 jornalistas que trabalharam ou trabalham em telejornalismo, divididos em cinco décadas (1950, 1960, 1970, 1980 e 1990). Destes personagens que contaram como se deu a formação do telejornalista no Brasil, até o momento, seis faleceram. Para lembrar as contribuições destes jornalistas, as entrevistas realizadas com os mesmos durante a pesquisa serão publicadas em uma série de seis edições da Revista Alterjor. Nesta edição a entrevistada é Vanessa Kalil, que faleceu no dia 20 de agosto de 2012, em São Paulo.

Valquíria Kneipp: Como que você foi trabalhar na TV? Quais que eram os requisitos necessários?

Vanessa Kalil: Enfim, eu fui trabalhar na TV numa época em que existia um estágio de jornalista, que não existe mais. Eu fui trabalhar na Globo e entrei como estagiária de reportagem. (e o estágio era legalizado e remunerado naquela época) Sim. Aliás, muito bem remunerado.

Valquíria Kneipp: Era igual ao salário de quem estava na redação já ou não?

Vanessa Kalil: Não. Não era. Não sei detalhes mais, eu ganhava dois mil e oitocentos cruzeiros. Eu não me lembro direito o que era na época. Não era um dinheiro ruim, era um dinheiro legal. Agora eu não me lembro se era o piso, realmente eu não me lembro.

Valquíria Kneipp: Então você começou como repórter?

Vanessa Kalil: Eu comecei como repórter, depois eu fui apresentadora e depois eu fiquei fazendo reportagem apresentação e edição do mesmo jornal, que era um jornal infantil que chamava Globinho. Então foi legal porque assim eu fazia as três coisas pro mesmo programa, eu apresentava, editava e fazia reportagem. Depois o Globinho acabou e aí eu passei a ser editora do jornal hoje. E aí depois só edição.

Valquíria Kneipp: Quantos anos que você está como editora?

Vanessa Kalil: Uns 27 talvez... bastante tempo.

Valquíria Kneipp: Como que era a rotina de jornalista quando você começou e nos dias de hoje, o que mudou nesse período ficou mais fácil mais difícil?

Vanessa Kalil: Eu acho que ficou mais fácil, mais ao mesmo tempo ficou mais pobre. Entendeu, porque o seguinte era mais difícil, mas as redações eram mais ricas de pessoas. Você tinha grandes personalidades na redação você entrava era um lugar, talvez também eu fosse muito menina. Então, era um lugar de ebulição, você chegava, você discutia, conversava trocava ideias, sempre aprendia alguma coisa tal. Você tinha que apurar com mais dificuldade, você tinha que checar. Hoje não, você tem tudo na internet. Mais é muito mais pobre, entendeu, em termos pessoais. As pessoas já não são top de linha. Eu sinto muito, eu acho que do mesmo jeito que a humanidade está mais pobre, hoje eu sinto isso no jornalismo infelizmente.

Valquíria Kneipp: Ou você está mais exigente hoje?

7

Vanessa Kalil: Não, não mais assim não sou só eu. Eu converso com muita gente e eu sinto isso.

Valquíria Kneipp: Como era a hierarquia antes e agora mudaram muito as funções dentro da redação?

Vanessa Kalil: Isso é praticamente igual (mesma coisa) É.

Valquíria Kneipp: Eu queria que você comentasse o processo de elaboração de um telejornal.

Vanessa Kalil: É mais ou menos a mesma coisa (nem quanto à evolução tecnológica, vocês sofreram para sair da máquina de escrever e ir para o computador?) Sim, eu sofri um pouco. Tinha uma resistência. Antigamente você batia uma lauda e se você cometia algum erro de digitação, você tinha que riscar ou escrever tudo de novo. Agora não é muito mais fácil, nesse aspecto é ótimo é muito mais fácil. Você tem novas mídias, mais a gente ainda não tem essas novas mídias. O que a gente tem hoje de novo é câmera

escondida, hoje você tem ela muito menor, muito mais fácil, mas as novas mídias aqui na Bandeirantes a gente não começou a trabalhar ainda. Então é tudo mais ou menos o mesmo processo.

Valquíria Kneipp: Em sua opinião a televisão brasileira copiou o modelo americano e mantém esse modelo até hoje ou ela desenvolveu uma identidade própria?

Vanessa Kalil: Sim. Pelo menos no jornalismo. Eu acho que em outras coisas entretenimento, novela tal a televisão brasileira é a televisão brasileira tem a cara dela, completamente diferente dos Estados Unidos. Mais em termos de jornalismo ela é muito ainda quadradinha o modelo americano.

Valquíria Kneipp: Você poderia assim definir em linhas gerais o que faz um repórter?

Vanessa Kalil: O repórter ele recebe uma pauta, que assim é pensada no dia anterior, pela chefia do jornal e pela equipe da pauta. Vamos supor um exemplo prático: amanhã o PROCON vai em Congonhas ficar fazendo tudo périplo dos consumidores que tem os voos atrasados, pra vê qual que está sendo a conduta da Anac? Qual está sendo a conduta das companhias aéreas tal pra ver se está certo? Então, assim: se ele ficou x horas em atraso, se ele recebeu comida. Pra vê como é que vai agir. Isso é uma coisa totalmente nova. Então, assim eu ligo pra ver que horas eles vão lá tal e faço essa pauta. Ai escrevo, o repórter chega aqui, ele pega essa pauta por escrito e vai até lá e segue a pauta, e colocando evidentemente os ingredientes, como sei lá tem uma briga, enfim vai colocando os ingredientes novos, ai é isso basicamente. Assim, ele chega, quando ele vem ele senta com o editor, aí o editor assiste à fita que ele fez, eles escolhem os melhores. Assim é um trabalho mais junto. Sentam escrevem o texto, o trabalho do repórter acabou, aí começa o trabalho do editor.

Valquíria Kneipp: E antes quando você começou já era assim (já era assim) já tinha essa parceria?

Vanessa Kalil: Não na minha época você tinha que chegar da rua, porque assim eu fui discípula da Alice-Maria que era aquela coisa linha super dura. Você tinha que chegar da rua com seu texto pronto e gravado. Era proibido na Globo você gravar texto na

redação. Tinha que chegar com tudo pronto. Ou seja, a linha era bem mais dura do que hoje.

Valquíria Kneipp: Você falou do repórter e o editor? eu queria que você comentasse antes e agora.

Vanessa Kalil: Quando eu comecei, você mais ou menos a mesma coisa, só que era muito mais burocrático do que hoje. Porque hoje o editor, ele é meio que o pai da matéria ele liga para o repórter, ele discute com o repórter. Na verdade hoje a gente é mais babá de repórter do que qualquer outra coisa. Porque rolava meio solto aí você chegava lá com coisa pronta, se não tivesse bom o editor jogava tudo no lixo e fazia tudo de novo. Hoje não, você liga tipo assim qual é o texto da passagem? Muitas vezes você escreve o texto e fala: fala isso. Então até nisso a coisa deu uma degradingolada. O editor na minha época ele trabalhava mais para burilar uma coisa para deixar a edição mais bonita. Hoje não, você tem que ficar alí (tem que construir junto) com o repórter exatamente.

Valquíria Kneipp: É isso que eu tenho percebido também, parece à matéria não é mais de uma pessoa?

Vanessa Kalil: E assim, eu acho até que eu faço uma coisa errada, mais eu faço porque me irrita profundamente. Quando vejo que o negócio não vai rolar em sênto, eu escrevo, eu digo e faça isso, porque eu sei que vou ter problema, mas não é legal.

Valquíria Kneipp: Não da confusão essa a matéria aberta com todo mundo falando ao mesmo tempo?

Vanessa Kalil: Não porque no fundo, você a cabeça da matéria acaba sendo o editor (era isso que eu queria saber a autonomia quem tem maior é o editor) Até porque a responsabilidade se de alguma coisa errada é ele que vai ter que assumir.

Valquíria Kneipp: Você se lembra de alguma história das emissoras que você trabalhou que marque a sua passagem pelo telejornalismo ou que te marcou muito? Todo esse processo que você vivenciou desde te a matéria mais autoral, ter a edição uma coisa só de burilar e os dias de hoje.

Vanessa Kalil: Eu fiz durante muito tempo o Bom Dia São Paulo. Eu era editora executiva do jornal o que era coisa muito legal, porque você não tinha chefia nenhuma ali naquele horário, porque a gente entrava às 4 horas da manhã. Ou seja, então assim você acordar as três para entrar as quatro e ter o seu cérebro funcionando às 4 horas da manhã já é uma coisa meio difícil e sem chefia nenhuma. Então você meio que fazia a condução do jornal. Foi uma fase muito legal da minha vida. E uma coisa que me marcou muito nessa fase, a gente estava assim saindo do ar, que o jornal nessa época ele terminava às 8 horas, se não me engano. Caiu o avião da TAM. Ali perto de Congonhas. E a gente estava saindo do ar e agente voava todo dia, o Bom Dia tinha um helicóptero para mostrar trânsito tal, eu acabei nem saindo do *switcher*, que é lugar onde você põe o jornal no ar. A gente já começou a mostrar as primeiras imagens sem saber o que tinha acontecido, foi um negócio. Eu trabalhei o dia inteiro, num tipo você não sair do *switcher* nem para comer, nem pra nada. Foi uma coisa bem marcante assim. E assim é um trabalho que não é só um trabalho muito intelectual, mas é uma coisa muito emocional também. E eu fiz questão de não perder isso durante a minha vida, porque você vai ficando frio, porque você vê tanta coisa, tanta coisa, mas eu acho que se você perder o seu emocional, suas matérias não vão ser tão legais quanto elas poderiam ser, porque a gente não é só intelecto, a gente é muito mais emoção do que intelecto, e jornalista têm essa coisa de querer ser a intelectual, que eu acho é muito legal.

Referência

KNEIPP, V. P. **Trajetória da formação do telejornalista brasileiro** – as implicações do modelo americano. Tese de Doutorado. Orientação: José Marques de Melo. São Paulo: PPGCOM-ECA-USP, 2008.